

Apucarana, 14 de outubro de 2022.

"A violência, sob qualquer forma que se manifeste, é um fracasso" (Jean-Paul Sartre)

Lutas... lutas... lutas... muitas são as lutas das mulheres para poderem (re)existir em uma sociedade ainda tão marcada pelo patriarcalismo.

Lutas que envolvem o direito ao trabalho em condições de igualdade, o direito ao acesso à educação em todos os seus níveis; lutas contra a cultura do estupro, contra a desigualdade na participação no poder político, contra a estereotipação de temas relacionados à mulher, contra a violência e o feminicídio.

É incompreensível e inadmissível que, em pleno século XXI, diante de tantos avanços da humanidade, uma parcela dessa mesma humanidade viva no obscurantismo que ronda os primórdios de nossa história. Obscurantismo esse que subjuga a mulher diante de um machismo que reina na sociedade e que traz a marca da violência, seja ela física, psicológica, patrimonial, sexual, moral, simbólica, política.

Não raro, ouvimos nos noticiários fatos hediondos dos mais variados tipos de violência contra a mulher. O Anuário Brasileiro da Segurança Pública 2022, ao publicar os dados relacionados ao ano de 2021, demonstrou um aumento desses casos. A cada minuto, 8 mulheres sofreram algum tipo de violência no país, muitos desses chegando, infelizmente, ao feminicídio, o qual, em grande parte dos casos, é praticado dentro da própria casa, pelos companheiros ou ex-companheiros.

E o início de tanta violência pode ser uma discussão "inocente", um nervosismo "exagerado" ... nada de mais, dizem alguns, pois "em briga de marido e mulher não se mete a colher", afirma o ditado. Ao presenciar um caso de violência, assumindo posicionamentos semelhantes, pode-se colaborar, ainda que de forma indireta, para tantos desfechos trágicos.

Na direção oposta a esse ditado, e com o intuito de chamar a atenção da sociedade a respeito da urgência dessas discussões, Alice Bianchini (2010) afirma que:

Somente quando o problema deixar, definitivamente, de ser visto como pessoal, alcançando status de problema social, é que se poderá obter a visibilidade necessária ao fenômeno da violência de gênero. Esta nova percepção merece e tem urgência de repercutir na família (entre homens e mulheres), na sociedade, na polícia e nos três poderes do Estado. O que hoje ainda é um padrão normal de relacionamento entre os

sexos precisa ser percebido como um obstáculo à completa igualdade. (BIANCHINI, 2010).

A comunidade acadêmica da Unespar campus Apucarana, infelizmente, viu-se perplexa e indignada diante do fato de agressão a uma mulher ocorrido no estacionamento da instituição. Independentemente de essa mulher estar vinculada à universidade ou não, o Centro de Educação em Direitos Humanos (CEDH) do campus Apucarana repudia veementemente tal ato de violência e coloca-se à disposição para ajudar essa que foi mais uma das muitas vítimas de violência contra a mulher em nosso país.

O CEDH ressalta que, de forma discreta e segura, tem condições de oportunizar o atendimento e os encaminhamentos necessários diante de violências como essa, assim como diante de outras tantas violências que acometem a nossa sociedade: a LGBTfobia, o preconceito racial, o capacitismo, dentre outras.

Como forma de possibilitar espaços para que discussões relacionadas a essas temáticas sejam empreendidas, o CEDH, por meio do Núcleo de Educação para Relações de Gênero (NERG), em parceria com o Diretório Acadêmico e com o Curso de Secretariado Executivo Trilingue, promoverá o evento “Mesa-redonda Direitos Humanos e Multiletramentos no Século XXI”, a qual contará com discussões sobre LGBTQIA+, Questões Raciais e Violência contra a Mulher. E, como um desdobramento desse primeiro evento, construiremos, em conjunto, uma ação permanente para discussões, intitulada “Rodas de Conversa”.

Esperamos, com isso, colaborar com o processo de apropriação do conhecimento em torno de todas essas temáticas, com vistas à (trans)formação de nossa sociedade local, regional, nacional.

Centro de Educação em Direitos Humanos – CEDH
Campus Apucarana